

## **As Estruturas de Poder em *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida**

Maria da Glória Ferreira de Sousa\*  
Margarida Pontes Timbó\*\*

**Resumo:** Frequentemente aludido como o introdutor da segunda fase do Modernismo no Brasil, o romance *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, traz uma atitude reivindicatória que nos permite analisar diversas estruturas de dominação, a saber, a dominação sobre a mão de obra necessitada e a dominação sobre a mulher, ambas reforçadas pela reprodução do *poder simbólico*. Para fins metodológicos, tomaremos como baldrames as ideias do sociólogo Pierre Bourdieu que abordam e elucidam tal poder em diferentes esferas. Além disso, adentram no diálogo autores que tratam da fortuna crítica do romance em pauta, tais como Proença (1972), Castro (1987), Santiago (2000), dentre outros. Este artigo procura, assim, discutir a perspectiva política sugerida pela narrativa literária, oferecendo um breve esquema das suas estruturas de dominação.

**Palavras-chave:** *A Bagaceira*; Dominação; Proletariado; Mulher.

**Abstract:** Usually referred as the introductory mark of the second period of Modernism in Brazil, the novel *A Bagaceira*, written by Jose Americo de

---

\* Graduada em Letras - Português e Inglês pela Universidade Federal do Ceará (2012) e estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Bolsista CAPES/DS. E-mail: gloryamary@yahoo.com.br

\*\* Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (2011) e estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras/Doutorado em Literatura Comparada, da Universidade Federal do Ceará (2012). Bolsista CAPES/DS. E-mail: guidinhapontes@yahoo.com.br

Almeida, brings a political attitude that permits us to analyze different domination structures, like the domination of the man over the labour-based workers and over the woman, both reinforced by the reproduction of *symbolic power*. To reach our methodological goals, we will take as bases the ideas of the sociologist Pierre Bourdieu that approach and elucidate this power in varied spheres. Also, about the criticism of the novel itself, we will consider the contributions of Proença (1972), Castro (1987), Santiago (2000), among others. This article seeks, so, to discuss the political perspectives suggested by the literary narrative, offering a brief schema of its domination structures.

**Keywords:** *A Bagaceira*; Domination; Proletariat; Woman.

### **Introdução**

Este trabalho tem como um de seus principais intuitos proporcionar ao leitor um diálogo vivo entre o romance **A Bagaceira**, de José Américo de Almeida, e o pensamento de Pierre Bourdieu, sobretudo no que tange às definições do sociólogo para o sintagma *poder simbólico* e à relevância desse conceito para os processos de dominação – do homem sobre o seu inferior e do homem sobre a mulher – o que nos permitirá, assim, traçar paralelos importantes entre realidade e literatura dentro de um diálogo politizado.

Para melhor orientar o debate, dividimos o trabalho em três tópicos, incluindo também alguns subtópicos. Em um primeiro momento, tentamos abordar o romance de José Américo em todo o seu teor regionalista, assim como em seu significado histórico. Em um segundo momento, apresentamos rapidamente o pensamento de Pierre Bourdieu no que toca as noções de *poder simbólico* e dominação, a fim de, posteriormente, concebermos como essas noções foram processadas no texto da narrativa em pauta.

Por fim, em um terceiro momento, centralizamos a argumentação na figura da personagem feminina que sofre, simbolicamente, os efeitos das estruturas de poder. Soledade, por ser retirante e por ser

mulher, suporta duplamente a repressão dessas estruturas, o que a impede, de certa forma, de promover qualquer movimento em busca da sua libertação.

Mais do que responder às questões propostas, esperamos que o leitor compreenda como são configuradas as estruturas de poder no romance e sinta-se igualmente motivado para reler **A Bagaceira**.

***A Bagaceira:***

**romance regionalista ou romance político?**

Publicado em 1928, o romance **A Bagaceira** é considerado marco da literatura brasileira, uma vez que é comumente apontado como o introdutor da visão crítica sobre as desigualdades sociais do Brasil – sobretudo da região Nordeste – marcante na segunda fase do nosso Modernismo. Na opinião de Ângela Maria Bezerra de Castro (1987, p.4), este tipo de assertiva foi responsável por gerar “categorias fundadoras” e “verdades sacramentadas” acerca da obra, o que acaba por restringi-la, como se o romance tratasse apenas do regionalismo ou abarcasse somente a questão telúrica. Complementando o pensamento de Castro, temos que em **A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro**, José Maurício Gomes de Almeida (1999) lê uma classificação apenas regionalista desse tipo de literatura como demonstração de uma “visão colonialista sobre as literaturas do Novo Mundo” (ALMEIDA, 1999, p.211). Foi justamente este ponto de vista um dos mais discutidos pela crítica literária de *A Bagaceira*.

É fato que críticos como Bosi (1994) costumam atribuir a essa obra de José Américo mais contribuições para um direcionamento formal e temático, dali por diante “padrões” para os romances regionalistas da década de 30, que méritos literários em si. Assim, embora no entender de grande parte da crítica literária temas como “seca”, “retirante” e “miséria” tenham sido melhor desenvolvidos posteriormente, com

a produção escrita de autores como Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, teria sido, porém, com **A Bagaceira**, como pontua Castro (1987, p.11), que iniciou-se uma “viragem da realidade social brasileira”. Em outras palavras, a narrativa de José Américo serviu de mote para os demais escritores da década de 30.

Em texto publicado em 1935, Lúcia Miguel Pereira (2005) clarifica a relevância desta narrativa para a literatura brasileira:

Na **Bagaceira**, a natureza nem sempre é crestada de sol, como nós outros imaginamos o nordeste; ao contrário, tem uma languidez capitosa e úmida, enfeita-se, graciosa e faceira, voluptuosa e alcoviteira, como a querer tomar parte no idílio de Lúcio e Soledade, idílio que poderia existir entre adolescentes de qualquer parte do mundo; e pelo menos aquele, não é apenas um homem do nordeste. As personagens são mais complexas, mais ricas, mais nuançadas. Existem tanto como pessoas humanas como nordestinas (PEREIRA, 2005, p.111).

Pelo excerto, notamos a tentativa de desconstruir o caráter regionalista do texto de José Américo de Almeida, apontando para sua universalidade. O ambiente e a natureza do romance, por exemplo, não podem ser tomados apenas como aspectos típicos do Nordeste, uma vez que neles se encontra também a generalidade da relação amorosa dos personagens Lúcio e Soledade. De início, entretanto, a profundidade dessas personagens não foi percebida, o que poderia aumentar os adjetivos e rótulos que o romance injustamente admitiu. Mais do que um romance de seca, **A Bagaceira** é um texto de transição e, como tal, transformador, por isso mesmo problematiza inúmeras questões políticas e socioculturais, que remetem às particularidades do ambiente rural do sertão, evidenciando os problemas das relações de poder, familiares e interpessoais, sem deixar, porém, de tratar do ser humano em geral.

Logo, a atitude reivindicatória que fundamenta o romance em questão torna político o tecido literário. Diante disso, possibilita-

-nos formular críticas mais pontuais à história de Dagoberto, Lúcio e Soledade.

Sendo a seca o eixo do romance que liga pontos a serem postos em discussão, como a denúncia da miséria do povo atingido, das arbitrariedades contra estes e da falta de providências efetivas do governo, o enredo de **A Bagaceira** permite-nos ir mais longe e trazer à reflexão também a condição da mulher, último e mais afetado componente da estrutura de exploração do estio prolongado. De acordo com Silviano Santiago, a narrativa de Almeida ora fala demais, ora fala de menos, “abrindo-se no texto algumas lacunas que são sintomaticamente preenchidas por reticências, deixando o leitor saber o que exatamente o personagem disse” (SANTIAGO, 2000, p.104). Estas aberturas são bem mais tocantes quando vislumbradas na protagonista feminina da obra.

Soledade, única personagem significativa do sexo feminino – assim como se pode depreender de seu nome, que a alcunha de só, talvez, sozinha, talvez, solitária – traz muitas ambiguidades à narrativa. Manuel Cavalcanti Proença coloca que a protagonista sugere uma representação da “[...] solidão de quem passa fulgurantemente, dona e senhora, pelas 300 páginas de um romance, sem encontrar quem a compreenda” (PROENÇA, 1972, p.17). O crítico parece insinuar que, na verdade, Soledade talvez não tenha amado ninguém, permanecendo isolada em seus pensamentos, mesmo quando explorada por Dagoberto. O leitor não adentra no espaço psicológico da personagem porque ele apenas é sugerido.

Considerando que toda obra artística nunca poderá ser tomada como cópia ou representação da realidade, mas é dela extraída, temos, em **A Bagaceira**, uma transfiguração que guarda elementos de seu contexto, sendo esse um dos motivos pelos quais pode atuar intimamente no mundo do leitor, modificando-o, tal era o propósito fortemente defendido pelos autores do Regionalismo de 30.

### **Bourdieu: poder simbólico e dominação**

“Mesmo quando repousa sobre a força nua e crua, das armas ou do dinheiro, a dominação possui sempre uma dimensão simbólica” (2001, p. 209). Isto é o que afirma Bourdieu em suas **Meditações Pascalianas**, ao nos colocar a par dos processos de naturalização da opressão de uma minoria sobre uma maioria. Para o sociólogo francês, a dominação está sempre pautada sobre uma eficiente mobilização de nossas estruturas cognitivas, que se adaptam à objetivação do poder dos dominadores nos corpos e objetos, de forma que sempre a enxerguemos como natural. Aí reside a noção de “poder simbólico”, o mais das vezes, o real responsável pela reprodução dos sistemas de opressão. Dentre esses sistemas, Bourdieu vê na dominação masculina, o “exemplo por excelência da submissão paradoxal” (BOURDIEU, 2014, p.12), resultado da violência invisível às próprias vítimas, também algozes de si mesmas porque assimilam estruturas de opressão quase que insensivelmente, de maneira inconsciente.

Sob esta perspectiva, a mulher aderiria ao sistema de opressão a que está submetida porque tem a seu favor toda a racionalidade conferida pelo senso comum. **Não se questiona uma estrutura que parece coerente e, assim**, elas aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas, esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder.

Dessa forma, a força da ordem masculina evidencia-se no fato de que dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social, conseqüentemente, funciona como uma imensa máquina simbólica, que tende a sancionar a dominação masculina sobre a qual se fundamenta.

Com base nisso, a discussão em torno de **A Bagaceira** direciona duas análises: 1) a exploração do patrão sobre o empregado, afinal

este se encontra totalmente desamparado no contexto da seca; 2) a exploração do patrão e do empregado sobre o feminino, pois a mulher é abusada em virtude da sua condição de retirante, mas, acima de tudo, porque mulher, que estando na terra do senhor de engenho é, como tal, sua propriedade.

### **As estruturas de poder em A Bagaceira, de José Américo de Almeida**

Situada entre os anos de 1898 e 1915 – ou seja, entre dois períodos de cruéis estios – o enredo de **A Bagaceira** focaliza a separação entre explorador e explorado desde a apresentação dos personagens: a história exhibe como explorador o personagem Dagoberto Marçau, senhor de engenho, arrogante e ganancioso, bem como seu filho Lúcio, jovem advogado que vive em conflito com o comportamento dominador e ambicioso do pai.

Em seguida, no plano dos explorados, temos Valentim, retirante que foge com sua filha, Soledade, e seu filho de criação, Pirunga, da seca assoladora que castigara sua fazenda, Bondó. É camuflado na massa de retirantes faminta que se arrasta sem saber para onde que o trio sertanejo aparece pela primeira vez no engenho do Marzagão, de propriedade de Dagoberto. A descrição da longa jornada não é menos que desoladora:

Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas. Andavam devagar, olhando para trás, como quem quer voltar. Não tinham pressa em chegar, porque não sabiam aonde iam. [...] Não tinham sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais (ALMEIDA, 1972, p. 5).

O segmento indica a imagem de grupos familiares que se juntam à família de Valentim. Os miseráveis conduzem sua caminhada de forma penosa e aflita, quem sabe, com saudades do “paraíso”,

isto é, do seu lugar de origem; ao mesmo tempo, o discurso literário infere que esse grupo se vê perdido diante do futuro improvável. O narrador compara os sujeitos aos defuntos, como se fossem carcaças de gente fétida, mal vestida e em condições precárias de subsistência. Na verdade, a voz enunciativa do texto assemelha o físico dessas pessoas a esqueletos de humanos, porquanto levados à força para um espaço desconhecido acabam arrastando-se, como moribundos, pelos caminhos mais indigestos do sertão nordestino. Então, o andar lento e o olhar para trás, quem sabe, simbolizem tentativas de adiar o encontro dessas famílias com a incerteza do futuro. Igualmente, este olhar reconhece a exploração que estes sujeitos trazem em seus corpos.

A seca tornara todos iguais, desvalidos, desorientados, dotados de uma humanidade agora quase irreconhecível. Vaqueiros másculos, pequenos fazendeiros, jovens mulheres, todos fazem parte da mesma classe miserável que peregrina em busca de melhores condições de sobrevivência. Essa massa indistinta será, entretanto, aproveitada em um sistema do qual o maior dos problemas será justamente a diferenciação extremada, a exploração dos miseráveis por quem tudo tem. Sem opções de outros meios de subsistência, estes sujeitos ficcionais são obrigados a vender sua escassa força de trabalho a um rico proprietário, que tem na seca sua maior fonte de lucros, como atesta o seguinte fragmento do romance: “A seca representava a valorização da safra. Os senhores de engenho, de uma avidez vã, refaziam-se da depreciação dos tempos normais à custa da desgraça periódica” (ALMEIDA, 1972, p.6). Tem-se bastante evidente aí o quadro da “indústria mafiosa”, a qual menciona Teoberto Landim (2005) para se referir aos abusos comuns na “indústria da seca”.

Chama a atenção a passividade com que os trabalhadores enfrentam a lida no engenho, sendo esta ressaltada em vários trechos da obra. A única revolta contra toda a situação de exploração que



rege o engenho parece estar apenas no olhar dos trabalhadores e nos resmungos que mais pareciam “golfadas de ódio” engolidas. De tal modo, o narrador vai descrevendo que “os trabalhadores curvados sobre as enxadas formavam um magote de corcundas infatigáveis” e iam mantendo, assim, “a atitude natural do servilismo hereditário” (ALMEIDA, 1972, p.6).

É precisamente o servilismo, tão enfatizado pelo narrador, que nos coloca bem diante da ausência de questionamentos dos explorados. Como afirma Bourdieu (2001), nada surpreende tanto os que examinam a humanidade com olhar filosófico do que a facilidade como a maioria é governada pela minoria e se submete a ela. No contexto da seca, embora alguns se revoltem pelas vias do banditismo, como afirma Landim (2005), mesmo estes são, ainda, exceções.

Ao tentar explicar tal fenômeno, Bourdieu (2001) amplia a noção de poder simbólico: se a dominação possui sempre uma dimensão simbólica, a subordinação nada mais é que um ato de reconhecimento – das estruturas sociais, históricas, políticas, do poder do dominador, etc. Tais atos de reconhecimento, como citado na seção anterior, operam por meio de alterações nos nossos modos de percepção, que tendem, naturalmente, a se ajustar ao mundo objetivo, tornando possível a incorporação automática de estruturas como as já mencionadas. O subordinado passa, então, a tomar como natural – e até mesmo evidente – algo que nem sempre foi como foi. A história das secas é a “história das passividades” porque o explorado vê na exploração algo normal, decorrente da necessidade do que se submete e da fartura do que subordina. Como a exploração do mais rico sobre o mais pobre conta ainda com a legitimação da coerência, fecha-se o ciclo. Não há mais nada a fazer a não ser reconhecer as estruturas opressoras e adaptar-se a elas e, pior, reproduzi-las.

Em **A Bagaceira**, o personagem Dagoberto encarna a figura típica dos coronéis que dominaram o sertão pela dependência (LANDIM,

2005). Os trabalhadores, brejeiros e retirantes devem-lhe mais do que respeito, devem-lhe obediência e lealdade, pois reconhecem nele a autoridade do dominador.

No entanto, a cadeia não acaba aí, uma vez que figura mais subordinada que a do retirante é a da mulher. Apesar de sua personalidade marcante, Soledade é – ou é constantemente chamada a ser – submissa ao pai, que, pelos códigos de ética no sertão à época em que se passa a narrativa, é também seu dono. Dona de um poder de atração sobre o sexo masculino que aguça os olhares dos homens do canavial, sua figura é constantemente relacionada à sensualidade, ora pelo olhar, ora pelas atitudes, como podemos observar nos trechos a seguir: “Soledade aconchegou os trapos que mal lhe disfarçavam a beleza magra. [...] – A seca estancou-lhe até as lágrimas... Só lhe resta o olhar de fogo-fátuo” (ALMEIDA, 1972, p.10). O olhar da protagonista é bastante provocador e ambíguo, mas o verde de sua pupila contrasta com o cinza e o amargo da seca. Ao mesmo tempo, seu comportamento revela a consciência do poder de despertar desejos: “Soledade meteu o retrato no seio. Ficou com um ar malicioso, como quem queria dizer: - ‘Vem tirar...’” (ALMEIDA, 1972, p.50).

Tal fato se põe aqui em relevo, uma vez que traz à tona fatores importantes tanto para o efeito que terá na reprodução de estereótipos no decorrer de toda a narrativa quanto para o exame do poder simbólico na obra, estruturado sobre esses mesmos estereótipos.

O primeiro desses fatores está ligado à figura feminina como centro de disputas e pivô de fatalidades. A tragicidade de tal condição, como que inevitavelmente relacionada à sensualidade, acaba por decidir o destino de Soledade. Mesmo inclinada a ficar com Lúcio, a retirante é estuprada por Dagoberto, o qual visualiza na jovem uma mistura de traços de sua falecida esposa com a perfeita vulnerabilidade que lhe permitiria saciar seus instintos mais bestiais. Estas

circunstâncias levam à morte do feitor por Valentim e à prisão deste último, posteriormente defendido pelo próprio Lúcio. É também esse traço que desencadeia a morte do próprio Dagoberto em uma disputa a cavalos com Pirunga.

O destino trágico também parece estar delineado quando Dagoberto oferta a flor espia-caminho para a brejeira. Simbolicamente, o leitor compreende a dominação sofrida pela protagonista, e, ainda, o que de fato deseja o senhor de engenho, afinal a flor assemelha-se a forma do órgão sexual feminino. Portanto, o gesto de Dagoberto revela o conteúdo sexual e dominador. É dessa forma que podemos visualizar também que existe na narrativa a tentativa de aproximação entre a mulher e a terra. Para Elisabeth Marinheiro, o par mulher/terra conecta-se “[...] por ‘semas’ comuns de fecundação, sonho, sensualidade, etc. As relações de homem/mulher estão sempre ligadas à natureza como se depreende dos encontros Soledade/Lúcio e Dagoberto/Soledade” (MARINHEIRO, 1979, p.64).

Vale ressaltar que a figura da mulher fatal, tão reproduzida na literatura, é citada diretamente na narrativa de José Américo pelo próprio Dagoberto. Tentando explicar ao filho o mal que uma mulher pode trazer a uma região e mesmo a um povo inteiro, o senhor de engenho alude o exemplo de duas “mulheres fatais”, que destruíram civilizações inteiras, são elas: Carlota e Helena de Tróia. Esta última eternizada como a responsável pela guerra entre gregos e troianos. Já Carlota era uma sertaneja do Pajeú, geradora de grandes desavenças políticas e de tragédias para o distrito de Areia. Segundo Dagoberto, ela era a mulher que “tinha trazido todo o cangaço do sertão e o fogaréu da seca debaixo da saia” (ALMEIDA, 1972, p.73).

Lúcio, ainda que detentor de um pensamento mais acadêmico que supersticioso, não pode deixar de se influenciar pelas ideias do pai, na verdade, ideias que povoam a mentalidade popular há milênios. O estudante passa então a enxergar em Soledade uma

verdadeira portadora de males dos quais ele mesmo estaria predeterminado a sofrer:

Deu com ela, afinal, na mais grotesca atitude feminina, de cócoras, abrindo sulcos num leirão do coentro. Quedou-se a fitá-la, em silêncio, com os olhos gulosos, como se nunca a tivesse visto. Idealizava-a numa figura de romance. Pressentia-lhe as fatalidades de Helena e Carlota, destruidoras de cidades. Afigurava-se-lhe que naquele grosseiro mister ela estivesse abrindo a vala dos futuros sacrifícios, dos holocaustos à sua beleza fatídica. Sentia-se predeterminado a participar dos seus maus fados. (ALMEIDA, 1972, p.74).

O trecho da obra de Américo faz-se bastante simbólico, na medida em que o associamos à culpabilização atribuída à figura da mulher, sobretudo, em virtude dos males humanos. A própria teologia cristã reforça este estereótipo no livro bíblico do **Gênesis**: “é sempre Eva que é responsabilizada pelos pecados de Adão” (BADINTER, 1985, p.37). Não é segredo que, durante eras, os teólogos fizeram da mulher um “ser maligno” por natureza.

A mitologia grega também apresenta inúmeras mulheres com esta mesma acepção maligna, basta que lembremos das figuras de Medéia, a feiticeira maldita, e de Pandora, que ao abrir a caixa secreta acaba revelando o segredo dos deuses para os homens.

Naturalmente, como se vincula para o mal, é necessário que se redobre a vigilância sobre a mulher e sobre seus atos, sob o risco de que, como Soledade, ela incorra em outro crime bastante recorrente ao sexo feminino: a queda.

Fato é que, se houve uma maneira de converter a figura diabólica da mulher em anjo, o único modo de fazê-lo foi impedindo-a de liberar o que há em si de mais perigoso: a sexualidade. Este interdito, por sua vez, só poderia ser levado a cabo com a proteção e o culto à virgindade, sendo Maria, mãe de Jesus, o arquétipo que melhor representa tal ideal, uma espécie de segunda Eva que tenta recuperar

o erro da primeira (LEAL, 2004). É dessa forma que a mulher é anjo enquanto virgem, mas passa a anjo caído quando se permite o ato sexual.

Interessante observarmos que, no caso de Soledade, essa queda nem mesmo é consentida, uma vez que a sertaneja é violentada por Dagoberto. Apesar de vigiada pelo irmão de criação, ou seja, Pirunga, este não toma conhecimento do momento exato do abuso sexual. Trata-se das lacunas que o texto de José Américo de Almeida deixa simbolicamente, como já mencionamos.

Assim também, o abuso contra a mulher pode ser ocasionado naturalmente pela seca, afinal várias moças, meninas e mulheres acabaram adentrando nos caminhos da vida “fácil” como meio de sobrevivência. É através da própria introspecção do personagem Lúcio que o narrador nos conduz para esta reflexão:

Lúcio conhecia a história das libertinagens das secas – a exploração bestial da carne magra. O gozo contrastante das mulheres desfeitas, corrompidas pelos fétidos sintomas da fome. O estômago exigia o sacrifício de todo o organismo, até nas suas partes mais melindrosas. Tudo era vendido pela hora da morte; só a virgindade se mercadejava a baixo preço. Meninas impúberes com os corpinhos conspurcados. Deitavam-se a elas nos fundos das bodegas por um rabo de bacalhau ou um brote duro (ALMEIDA, 1972, p.34).

No desfecho do romance, o narrador ainda utiliza a figura de Lúcio para questionar de quem seria a culpa para a desgraça da retirante Soledade, que simboliza tantas outras fêmeas de quem foram roubadas a dignidade. Quem é o responsável pelas mazelas sofridas pela protagonista, seria a seca ou o poder patriarcal do senhor de engenho?

Mesmo vitimizada, a mulher sofre as punições morais e sociais por não salvaguardar sua honra, sendo que a maioria das sanções

estão viabilizadas pelo discurso dos que a circundam. Exemplo disso está nas palavras de Lúcio ao renegar Soledade e seu infortúnio: “— Tu és muito desgraçada! Acostumada a tomar essa palavra em sentido insultuoso, Soledade não compreendeu a lástima: — Se quer matar, mate; mas, maltratar, isso não! — Morta já estás, alma da seca — escarneceu Lúcio” (ALMEIDA, 1972, p. 112).

Sendo aquela que perdeu a graça da castidade, ainda mais sem a legitimação do matrimônio, Soledade não somente destrói sua honra, mas põe em risco também a honra daquele a quem “pertencia”, seu pai. Entretanto, como afirma Bourdieu (2014), enquanto há sempre um modo de recuperar a honra do macho — através da derrota ou morte daquele que o desonrou — à mulher nada mais resta que conformar-se a sua nada confortável condição. Portanto, basta que Dagoberto morra para que Valentim seja vingado e tenha restabelecida a sua condição de dominador — ainda que apenas de sua família — ao passo que, para Soledade, só resta a desgraça a qual fora relegada.

É assim que pela condição “essencialmente má” da alma feminina — portadora do mal e que pode cair causando a desonra dos seus — justifica-se a submissão feminina ao julgo masculino, implícita no contexto de **A Bagaceira**. Obviamente tais razões escondem outras de natureza mais social do que mítica, mas isso não impediu/impede que tais crenças fossem/sejam usadas para a manutenção da divisão dos corpos — do masculino e do feminino — com predominância do primeiro sobre o segundo. Assim como a dominação naturalizada do capitalista sobre o trabalhador, a dominação masculina também parece estar na ordem do mundo, dispensando justificação e sendo objetivada nas coisas e incorporada pelos seres humanos.

O processo de dominação que se dá com Soledade é ainda mais grave porque duplo. Soledade é dominada porque criada e dominada porque mulher. Não questiona os julgamentos e sofrimentos que re-

caem sobre si porque já os naturalizou e fecha o ciclo de dominação ao reconhecer no homem o senhor do seu destino. Sem se encaixar nos padrões que esse senhor – patrão e amante – desenha para a conservação do sistema, só resta à moça a marginalidade e esta, mais tarde do que se espera até, acaba se concretizando.

### **Considerações Finais**

As estruturas de dominação de **A Bagaceira** nos permitem perceber uma diferenciação em níveis de exploração/abuso que acabam por colocar a figura feminina como a mais afetada pelas engrenagens do sistema. Destarte, Dagoberto ocupa a posição primeira no quadro de opressão que afeta seus empregados e Soledade, a última, não só porque sua criada, mas também porque mulher que, estando nas suas terras, também lhe pertence. Observa-se que Soledade está ainda em situação mais complexa, já que deve obediência não apenas a seu patrão e amante, mas também aos próprios dominados – se estes forem do sexo masculino.

Soledade ocupa, assim, a posição mais precária na cadeia de dominação. Não chega a questionar as estruturas que a oprimem, não se revolta nem argumenta, a apatia revelando toda a internalização do patriarcado que a subjuga. Suas ações revelam apenas uma tentativa de se ajustar ao meio. Sabe que pode usar de sua beleza para “ressarcir o conforto perdido”; toma consciência de que a única maneira de ascender é através do próprio dominador, uma vez que não há – ou não vê – como sacá-lo de sua posição. Tanto é assim, que não reluta em aceitar Dagoberto como consorte, indo com ele para a fazendola de Bondó. Sendo a única personagem feminina de relevo, Soledade revela toda uma construção social que se torna mais realçada porque faz com que a reconheçamos. E a reconhecemos porque sua submissão continua naturalizada nas sociedades ocidentais, a despeito de toda a liberação por que já passamos.

## Referências

- ALMEIDA, José Américo de. **A Bagaceira**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro (1857-1945)**. 2. ed. Revista. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- CASTRO, Ângela Maria Bezerra de. **Re-leitura de A bagaceira**. Uma aprendizagem de desaprender. Rio de Janeiro: José Olympio; João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1987.
- LANDIM, Teoberto. **Seca: a estação do inferno**. Uma análise dos romances que tematizaram a seca na perspectiva do narrador. Fortaleza: UFC, 2005.
- LEAL, José Carlos. **A Maldição da mulher: de Eva aos dias de hoje**. São Paulo: DPL, 2004.
- MARINHEIRO, Elisabeth. **A Bagaceira: uma estética da sociologia**. João Pessoa: Universitária/ UFPB, 1979.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. "José Américo de Almeida: romance em mutação". In PEREIRA, Lúcia Miguel. **A leitora e seus personagens: seleta de textos publicados em periódicos e em livros**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia: Fundação Biblioteca Nacional, 2005.
- PROENÇA, Manuel Cavalcanti. "Introdução de **A Bagaceira**". In ALMEIDA, José Américo de. **A Bagaceira**. 12.ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972.
- SANTIAGO, Silviano. "A bagaceira: fábula moralizante". In SANTIAGO, Silviano. **Uma Literatura nos Trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.